



A CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO MONTE ALEGRE, PIRACICABA (SP)

GROSSO, ISADORA G. (1); BENINCASA, VLADIMIR (2)

1. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". DAUP-FAAC
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01, Vargem Limpa 17033-360 - Bauru, SP
isadora.gomesg14@gmail.com

2. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". DAUP-FAAC
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01, Vargem Limpa 17033-360 - Bauru, SP
vlad1966@gmail.com

RESUMO

Trata da provável contribuição italiana na construção de vilas operárias junto a Usina Monte Alegre, no início do século XX, em Piracicaba, São Paulo. Historicamente, a cultura da cana de açúcar esteve nas mãos de fazendeiros paulistas, porém, no início do século XX, parte dos imigrantes que chegaram ao país como forma de suprir a mão de obra nas fazendas cafeeiras, conseguiu - após longos períodos de trabalho - adquirir terras e optou pela lavoura da cana-de-açúcar, que se valorizava com a devastação da indústria açucareira europeia na 1ª Guerra Mundial. Nesse contexto, em 1912, o imigrante italiano Pedro Morganti adquire o Engenho Central de Monte Alegre, em Piracicaba, transformando suas instalações em usina. Juntamente com a usina Tamoio, em Araraquara, formou um império açucareiro, tornando-se referência mundial na produção de açúcar e álcool. Como foi comum em bairros operários, Morganti instalou na vila operária da Monte Alegre vários equipamentos sociais, vinculando trabalho e vida social. A população tinha tratamento médico, odontológico e de puericultura; biblioteca; armazém/açougue; farmácia; escola; barbearia, bar, carpintaria, cancha de bocha, grupo musical, além de clube, cinema e até um campo de futebol. Além desses, construiu-se a Capela de São Pedro, para atender aos católicos do bairro. Inspirada em uma igreja toscana, teve como engenheiro o italiano Antonio Ambroste, execução pelos próprios operários da usina e afrescos pintados por Volpi. O objetivo, portanto, foi registrar e estudar o núcleo fabril da Usina Monte Alegre, enfatizando duas de suas vilas operárias – João de Barro e Heloísa -, analisando suas características urbanísticas e arquitetônicas e sua relação com o conjunto. A metodologia utilizou leitura de referencial para embasamento histórico sobre, as origens e a ideologia da tipologia, o contexto de sua inserção no Brasil, a ascensão da indústria açucareira no interior paulista no início do século XX, o processo imigratório; além de informações históricas e técnicas específicas sobre a Usina Monte Alegre e seu núcleo fabril. A pesquisa bibliográfica foi complementada pela pesquisa de campo, que contou com a coleta de dados, levantamentos métrico e fotográfico e a realização de entrevista. Através de desenhos e fotos, foi possível analisar os espaços internos e externos das vilas, e sua relação com outras edificações da usina.

Palavras-chave: Vilas Operárias; Arquitetura Agroindustrial Piracicabana; Usina Monte Alegre; Agroindústria Canaveira Paulista.

Introdução e Objetivos

Contexto histórico e econômico

Os esforços da Inglaterra e Estados Unidos, a partir do início do século XIX, para combater o tráfico de escravos, repercutiram diretamente no Brasil. Desde a década de 1820, o governo brasileiro tomou iniciativas com o objetivo de estimular a vinda de imigrantes para o país. A partir do acordo firmado por D. Pedro I com a Inglaterra, em 1825, se comprometendo a extinguir o tráfico até 1830, o trabalho escravo foi, pouco a pouco, se desmantelando no Brasil. Nesse cenário, a imigração tornou-se uma alternativa possível à mão de obra escrava. Dessa forma, após a abolição da escravatura em 1888, o governo brasileiro impulsionou, ainda mais, a vinda de imigrantes europeus, com o objetivo de suprir a mão-de-obra para as fazendas de café do interior de São Paulo.

A cultura da cana de açúcar, historicamente, até o final do século XIX, esteve nas mãos de fazendeiros paulistas. Porém, esse cenário começa a mudar no início do século XX, quando parte desses imigrantes, após longos períodos de trabalho, conseguem adquirir terras e optam pela lavoura da cana-de-açúcar, que voltava a ser valorizada após a devastação da indústria açucareira europeia, durante a Primeira Guerra Mundial. Desse modo, surgiram inúmeros engenhos e usinas pelo interior paulista durante a primeira metade do século XX, muitos deles propriedade de imigrantes.

Com o tempo, engenhos mais rústicos e artesanais foram se transformando em, ou sendo incorporados a usinas, organizados numa linha de produção que abarcava desde o plantio da cana até a produção do açúcar, dando origem a grandes grupos agroindustriais

A Usina Monte Alegre

É nesse contexto, mais especificamente em 1912, que a Companhia União dos Refinadores adquire o Engenho Central de Monte Alegre – antiga Fazenda Monte Alegre -, na cidade de Piracicaba. Mais tarde, um dos criadores da Companhia, o imigrante italiano Pedro Morganti, funda a Refinadora Paulista S.A., voltando-a para a produção sucroalcooleira e tornando-a proprietária da Usina Monte Alegre em 1928 - enquanto que a Cia. União dos Refinadores foi redirecionada para atuar na capital paulista e na comercialização do açúcar (CAPORRINO, 2014, p. 155-157).

A partir de então, a usina teve uma produção crescente, atingindo o número de 76.215 sacos de açúcar em 1930 - ano em que Morganti transformou as instalações do engenho em usina - e 575.010 sacos, em 1960 - número que, para os parâmetros do Instituto do Açúcar e do Alcool, classificavam a usina como de grande porte (CAPORRINO, 2014, p. 155-157). Juntamente com a usina Tamoio, em Araraquara, Morganti formou um império

açucareiro, tornando a Usina Monte Alegre referência na produção de açúcar e álcool no país e no mundo.

Pedro Morganti e todo seu patrimônio usineiro foi, portanto, um importante símbolo econômico para Piracicaba. Sua figura é lembrada com muito carinho por aqueles que puderam, através da usina, trabalhar e viver uma vida com qualidade. Isso porque, durante o período que Morganti cuidou do local, a legislação trabalhista brasileira ainda era bastante precária e, mesmo assim, a relação entre patrão e funcionário moldou muito do que foi o bairro do Monte Alegre.

A população da usina identificava-se como a família montealegrina, fator que muitas vezes unificava os tão distantes setores agrícolas e industriais e funcionava como um método eficaz para a estabilização e a disciplinarização da mão-de-obra usineira. Com base nos depoimentos de ex-colonos, Morganti foi solidário com seus trabalhadores, sendo frequentes os relatos sobre a bondade e a generosidade do industrial. Essa postura, aliada às medidas assistenciais, - ao reforçar o paternalismo do patrão, facilitavam a dominação, na medida em que a vigilância era exercida não só durante as atividades produtivas, mas também nos momentos em que não havia trabalho (CAPORRINO, 2016, p. 220).

Esse tipo de postura do patrão e o modo organização do núcleo fabril tem origem no final do século XVIII e início do século XIX, contexto da Inglaterra após Revolução Industrial. Com o aumento populacional e a propagação de doenças, constatou-se que medidas de higiene seriam necessárias. Esse fato chamou a atenção de homens que compreenderam e defenderam a necessidade de uma maior preocupação com a habitação operária - até mesmo como forma de melhorar a produtividade do operário. Assim, alguns industriais passaram a se preocupar também com o bem-estar social, e não exclusivamente com ganhos econômicos. Nesse sentido, Henderson (1979, p. 136) pontua que alguns patrões, por exemplo, reduziram horas de trabalho excessivas, passaram a pagar salários um pouco acima da média e deram aos operários cantinas, salas de leitura, moradias adequadas e serviços de saúde, por exemplo. Esse ideal foi, então, sendo reproduzido em diversos núcleos fabris pelo mundo, cada um dispondo de suas particularidades.

Nesse sentido, além de proporcionar boas condições de trabalho, e adquirir a confiança dos trabalhadores, Morganti organizou o núcleo fabril a partir de uma ideologia paternalista, se propondo a construir uma vila operária completa, com estrutura de bairro, vinculando, dessa forma, trabalho e vida social.

O Núcleo Fabril da Usina Monte Alegre

Os moradores do núcleo fabril da Usina Monte Alegre tinham serviços como: ambulatório médico e odontológico, centro de puericultura - com serviços voltados à pediatria -, biblioteca, armazém/açougue, farmácia, grupo escolar, barbearia, bar, carpintaria, cancha de bocha, prédio para um grupo musical, além de espaços dedicados ao lazer dos moradores, como o clube, cinema e até um campo de futebol - que recebeu partidas do União Monte Alegre F.C.

Diferentemente das vilas operárias edificadas por empreendedores imobiliários onde, em regra, construíam-se apenas moradias, as vilas e os núcleos pertencentes a fábricas costumavam incorporar algum tipo de comércio e equipamentos para lazer, ensino e assistência médica, mesmo quando situadas em cidades onde tais serviços e comércio existiam (CORREIA, 1998, 75).

Além desses edifícios, a Capela de São Pedro foi levantada para atender aos colonos italianos católicos, funcionários e habitantes do bairro. Sua arquitetura, em que predomina a linguagem historicista neorromânica, foi, segundo Caporrino (2014, p. 179), inspirada em uma igreja da província de Lucca, na região da Toscana, local onde Pedro Morganti nasceu. Teve como engenheiro o italiano Antonio Ambrogi e execução feita pelos próprios operários da usina. O grande destaque da capela são os afrescos do interior, pintados por ninguém menos que Alfredo Volpi (IPPLAP, 2014, p. 92).

Cabe ressaltar que os eventos católicos tiveram forte presença no bairro. Isso porque a prática religiosa foi comumente utilizada por industriais em seus bairros operários para doutrinar e disciplinar. Além disso, a grande quantidade de imigrantes e descendentes italianos moradores do bairro acabou por consolidar esse costume. Faziam parte do cotidiano, eventos como: primeira comunhão, Festa de São João, procissões, dentre outros. Diversos acontecimentos no bairro, como partidas de futebol, campeonatos de corte de cana e inauguração de infraestrutura - tanto da usina quanto do bairro -, recebiam, antes de qualquer coisa, a benção de um padre.

Toda essa estrutura da vila pode ser entendida como uma forma de isolar o trabalhador, garantindo ainda mais controle do patrão sobre a produção de seus empregados. Isso ajudava a moldar a personificação do trabalhador regrado, de boa aparência e hábitos, longe da imagem pejorativa do habitante pobre da cidade. Ainda baseado nesse ideário, cujas teorias foram sendo criadas e aperfeiçoadas do século XVIII ao XX, os proprietários de núcleos fabris, por todo o mundo, dedicaram fundamental empenho ao se tratar, especificamente, da moradia operária.

As Moradias Operárias da Usina Monte Alegre

As tipologias habitacionais em núcleos fabris iam das casas unifamiliares isoladas ou agrupadas em blocos de duas ou mais edificações; até habitações coletivas, por vezes separadas por sexo ou idade. No caso do bairro do Monte Alegre, as moradias variaram, indo do modelo unifamiliar até as habitações destinadas a solteiros. Elas foram agrupadas em núcleos distintos que receberam a denominação de “vilas”. Apesar da homogeneidade dada pela utilização do tijolo aparente em diversos dos edifícios no bairro, cada uma recebeu um nome e se particularizou pela organização interna, ornamentos e processos construtivos distintos.

Para a análise da pesquisa, foram distinguidas as vilas em três grupos: aquelas construídas afastadas da parte central do bairro, as construídas na parte central do bairro, mas em ruas mais interiores, e aquelas construídas na avenida Comendador Pedro Morganti, principal avenida do bairro e que faz a conexão com a cidade.

O primeiro grupo de habitações têm pouquíssimos registros fotográficos e de desenho, restando a análise das poucas fotografias e o depoimento de seus antigos moradores. Em sua maioria, foram ocupadas por funcionários da usina de cargos mais baixos, incluindo os colonos. Dentre elas estão a Vila Borguesi com sete casas, Vila Tamoio com vinte e oito casas, Vila Retiro com dezesseis casas, Vila Bate-Pau com vinte e duas casas, Vila Odila com trinta e seis casas, Vila Liliane com onze casas e Vila Marco Ometto com quatorze casas. A exceção é a Vila Marisa, com dez casas que foram ocupadas por funcionários de cargo mais alto na usina.

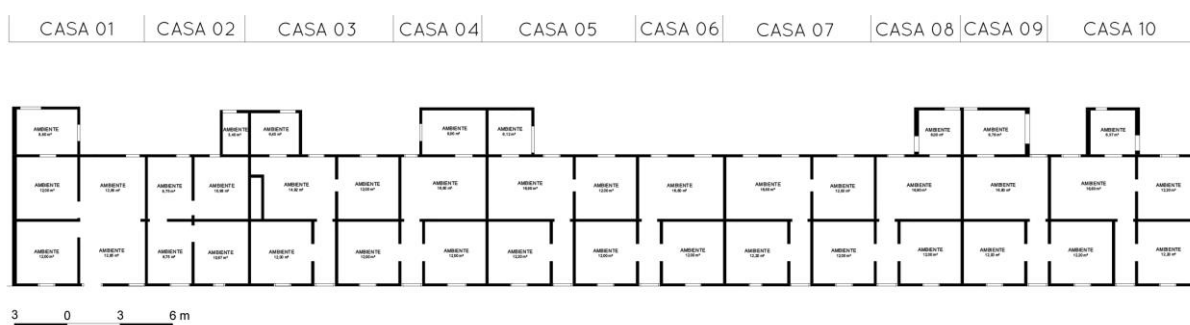
As casas do segundo grupo se diferenciaram muito do restante, possuindo características muito particulares e sendo muito modificadas ao longo do tempo. São elas: a Vila Joaninha, com dezoito casas geminadas; a Vila Maria Helena, com oito casas diferenciadas entre si – ambas ocupadas por funcionários de cargo mais elevado; e a Vila Josefina, com oitenta e sete casas em dois padrões construtivos distintos, organizadas em um arruamento em xadrez e ocupadas por funcionários e ex-funcionários da usina (CACHIONI, 2013, p. 320).

O terceiro grupo de habitações, composto pelas Vilas João de Barro e Heloísa, são aquelas que se localizam na avenida Comendador Pedro Morganti, principal avenida do bairro e que faz conexão com a cidade. Por esse motivo, e pelas suas particularidades arquitetônicas, estas foram descritas e analisadas com maior profundidade.

A Vila Heloísa pode ser classificada como a mais destoante em termos arquitetônicos, se comparada às outras vilas do bairro. Para uma melhor compreensão da análise realizada na pesquisa, a vila foi dividida em três blocos. O primeiro compreende os edifícios dos antigos escritórios, farmácia, armazém, carpintaria, biblioteca, corporação musical e duas residências de trabalhadores com cargos mais elevados, todos com projetos diferenciados

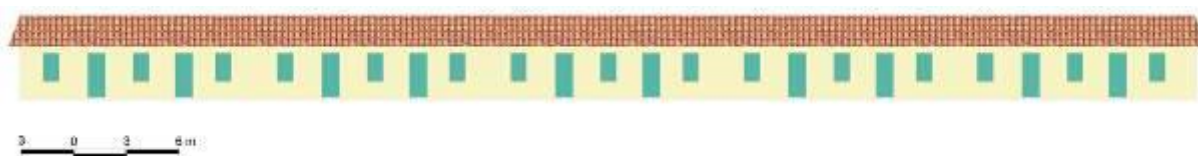
entre si. O segundo bloco é composto por dez casas de alvenaria revestida, na cor amarela - de acordo com os registros fotográficos mais antigos obtido -, compostas em fileira, destinadas a operários com cargos mais baixos. As unidades são compostas por sala, quarto, cozinha e banheiro e depósito aos fundos, sofrendo alterações a partir da década de 1920, como aumento no número de cômodos ou junção com outras casas. O bloco tem telhado único com duas águas, telhas do tipo capa e canal e esquadrias que variaram entre guilhotina e veneziana, na cor verde – de acordo com os registros fotográficos mais antigos obtidos. Já o terceiro bloco é composto por vinte casas em fila, seguindo os mesmos elementos arquitetônicos presentes nas residências do bloco 02. Esse estilo particular dos blocos 02 e 03 se deve ao fato de que a Vila Heloísa teria sido adaptada a partir das antigas senzalas da Fazenda Monte Alegre, com o objetivo de receber os colonos italianos que viriam trabalhar nas terras (CACHIONI, 2013, p. 318).

Figura 01 - Planta Baixa do Bloco 02 da Vila Heloísa



Fonte utilizada para a elaboração do desenho: Dossiê de Projeto de Restauro da Vila João de Barro, realizado em 2010 pela empresa Formarte.

Figura 02 – Elevação do Bloco 02 da Vila Heloísa

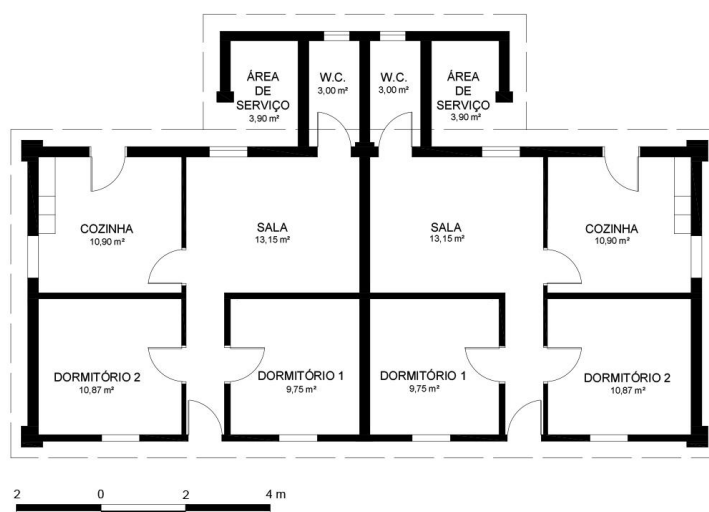


Fonte utilizada para a elaboração do desenho: Dossiê de Projeto de Restauro da Vila João de Barro, realizado em 2010 pela empresa Formarte.

As casas da Vila João de Barro - outro importante exemplar remanescente -, diferentemente de outras construídas dentro do bairro, foram implantadas com recuo frontal, ocupado por jardim, com um muro baixo separando-a da avenida. Podem ser identificados quatro blocos: o primeiro e o segundo contendo duas casas geminadas cada um - cada casa com cinco ambientes atualmente indefinidos e uma cozinha -; o terceiro, contendo quatro casas, sendo geminadas em pares e contendo sala, dormitório e cozinha; e o quarto bloco, contendo duas unidades geminadas, cada uma com dois dormitórios, sala, cozinha, W.C, e área de serviço.

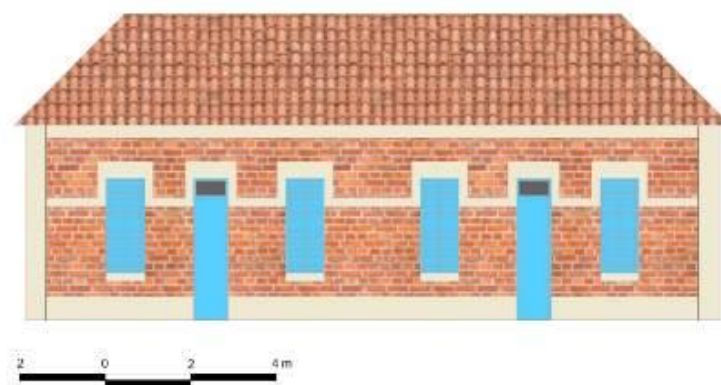
Todas as habitações apresentam o mesmo padrão arquitetônico, construídas em alvenaria aparente, com detalhes em alvenaria revestida nos eixos estruturais e vergas, esquadrias no modelo veneziana em madeira com pintura azul clara, telhado com quatro águas e telhas do tipo capa e canal (CACHIONI, 2013, p. 318). Um diferencial desta vila – blocos 01 e 02 - é que a topografia em declive deixou as casas quase que assobradadas nos fundos, permitindo a construção de um porão, que, sustentado por uma arcada, era utilizado como lavanderia comum (BALLEIRAS, 2003 apud IPPLAP, 2013, p. 90).

Figura 03 - Planta Baixa do Bloco 04 da Vila João de Barro



Fonte utilizada para a elaboração do desenho: Dossiê de Projeto de Restauro da Vila João de Barro, realizado em 2010 pela empresa Formarte.

Figura 03 - Planta Baixa do Bloco 04 da Vila João de Barro



Fonte utilizada para a elaboração do desenho: Dossiê de Projeto de Restauro da Vila João de Barro, realizado em 2010 pela empresa Formarte.

Ao longo do tempo, a tendência foi de expansão e modificação das plantas destas moradias, sendo poucas as que se mantêm em seu aspecto original. O que sobrou do antigo núcleo operário da Usina Monte Alegre está razoavelmente preservado, mas não conservado. Os

antigos moradores, pouco a pouco, estão morrendo e seus descendentes se dispersando. Por isso, a sua história e a de seus habitantes vai sumindo. Desse modo, é importante registrar o que ainda resta dessas habitações e das memórias de seus ex-moradores, a fim de ajudar a contar a história desse núcleo fabril, de importância nacional, além de ajudar a preservar a história da agroindústria paulista, e piracicabana, em particular.

O objetivo desta pesquisa, portanto, foi registrar e estudar o núcleo fabril da antiga Usina Monte Alegre, dando ênfase a duas de suas vilas operárias, as Vilas Heloísa e João de Barro, analisando suas características urbanísticas e arquitetônicas e como estas se relacionavam com o conjunto do núcleo fabril da Usina Monte Alegre.

Material e Métodos

A metodologia da pesquisa se deu, primeiramente, através da análise do referencial teórico relativo ao tema (livros, artigos, produção científica, etc.), trazendo um embasamento histórico da ideologia por trás da construção de vilas operárias, da origem dessa tipologia de construção, do contexto brasileiro dos séculos XIX e XX, incluindo a ascensão da indústria açucareira no interior paulista a partir do começo do século XX, o estabelecimento de vilas operárias no país e a vinda de trabalhadores imigrantes, além de informações históricas e técnicas específicas sobre a Usina Monte Alegre e seu núcleo fabril.

A pesquisa bibliográfica foi complementada pela pesquisa de campo. Para isso, foram necessárias visitas ao bairro do Monte Alegre, onde foi realizado levantamento das técnicas e materiais construtivos utilizados nas edificações, levantamentos fotográficos - das edificações que compõem o conjunto arquitetônico e suas relações com a paisagem envolvente -, e a entrevista com um antigo morador, trabalhador da usina e fotógrafo, resultando na coleta de informações sobre o cotidiano da vila enquanto a usina ainda era ativa, além de dados e fotografias importantes do período que Pedro Morganti geriu o bairro.

Tais informações foram complementadas pela coleta de dados, que se deu, principalmente, através da consulta a arquivos do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba e do Departamento de Patrimônio Histórico do Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba. Foi possível obter importante material de desenho do bairro, que, juntamente com o material iconográfico, foram utilizados como base para a realização das plantas, plantas de cobertura, fachadas dos edifícios e implantação do local. Através desses desenhos e fotos, foi realizada uma análise dos espaços internos e externos das vilas em questão (o foco desse trabalho), sua relação com a fábrica, a capela, e outras edificações da usina.

Com todos esses levantamentos, foram obtidos dados sobre o processo construtivo dos edifícios analisados, sobre a história do local, informações sobre o cotidiano, o uso das

edificações, entre outros elementos que caracterizam o núcleo operário da Usina Monte Alegre.

Resultados

Segundo Lemos (1999, p. 14), a economia cafeeira trouxe novidades advindas da Revolução Industrial, além de ideais de saúde e higiene da habitação até então difundidos na Europa e que mudaram o modo de se fazer a habitação no Brasil.

Para a cidade de São Paulo, o café, logo depois de chegado à zona campineira, trouxe novidades próprias da Revolução Industrial e, a partir de 1885, imigrantes em levadas cada vez maiores, somente estancada com a Grande Guerra de 1914. Trouxe modernas tecnologias atreladas à alvenaria de tijolos, novos materiais de acabamento e outros critérios de morar para os ricos, que passaram por um processo civilizatório e assumiram o “morar a francesa” (LEMOS, 1999, p.14).

Desse modo, a partir do final do século XIX, tanto o estabelecimento de normas de construção no Brasil, que trataram de qualificar estes espaços, - apesar de funcionar com maior rigor nas zonas centrais das cidades - quanto a introdução de novas tecnologias construtivas, guiou grande parte do que viria a ser a casa brasileira, incluindo as habitações operárias construídas a partir desse período.

O Código de Posturas de 1886, por exemplo, estabeleceu que as casas operárias deveriam ter jardim fronteiro de 30m² mínimos, ter no mínimo três cômodos e todos com abertura para o exterior, porão com altura mínima de 0,50 metros e cinco metros para o pé direito do térreo (LEMOS, 1999, p. 21)

Ainda segundo Lemos (1999, p. 34), um levantamento constatou que de um montante de solicitações de aprovação de plantas de 1893 a 1907, as casas operárias continham até três acomodações e WC de uso exclusivo da família. Nessa lógica, é interessante destacar que quase a totalidade dos cômodos das plantas das casas das vilas operárias do Monte Alegre analisadas nesta pesquisa apresentam abertura para o exterior, sendo, em sua maioria, esquadrias de madeira, com folhas que variaram dos escuros maciços e sem ventilação às venezianas, dependendo da vila. Sobre os cômodos, pode-se observar que todas as edificações que serviram como habitação continham pelo menos três, possuindo, a maioria, um número ainda maior.

Segundo Correia (1998, p. 16), as moradias operárias, em especial, tiveram traços marcantes de outras tipologias existentes na arquitetura nacional. As casas de operários com cargo mais baixo geralmente eram geminadas no estilo “porta e janelas”, carregando

características coloniais; já as casas de funcionários com cargo mais elevado frequentemente tinham elementos do ecletismo, oriundos de casarões de fazendas.

De um modo geral, as edificações do bairro Monte Alegre seguem essa lógica, e carregam características arquitetônicas presentes em tais tipologias habitacionais nacionais, dentre elas coloniais, ecléticas e até mesmo de senzalas.

Com relação às influências do ecletismo, este aspecto fica mais claro em edifícios como o casarão da família Morganti e no edifício do Grupo Escolar. Segundo Lemos (1999, p.14), nas casas de São Paulo, esse tipo de construção já vinha se consolidando desde o Código de Posturas de 1886.

Telhas francesas, ditas de Marselha, em três ou quatro águas. Telhados contínuos só em pequenos grupos de duas ou três casas de aluguel de um mesmo proprietário. Alvenaria de tijolos definindo arcabouço padronizado que poderia receber decoração estilística segundo a vontade ou o gosto do empreiteiro, quase sempre italiano. Foi a chegada do Ecletismo (LEMOS, 1999, p.23).

Já os blocos 02 e 03 da Vila Heloísa, por exemplo, apresentam características particulares, dado que se acredita que sejam oriundos da Fazenda Monte Alegre e que suas instalações serviram como senzala, como já mencionado anteriormente.

Essas moradias estão comumente agrupadas em blocos de 10 a 30 moradias reunidas lado a lado num único bloco, sob telhado comum. O alpendre, freqüentes em senzalas, acompanham muitas dessas edificações residenciais. Essa tipologia de moradia é encontrada tanto nos núcleos fabris como em núcleos rurais (engenhos). Caracterizam-se por construções em alvenaria de tijolo com telhado cerâmico. Cada habitação possui, em sua maioria, uma sala na parte da frente, dois quartos e uma cozinha na parte dos fundos, com banheiro adjacente (CAMPAGNOL, 2008, p. 83).

Quando se analisa as características da tipologia de senzala, é possível destacar aspectos semelhantes com as habitações da Vila Heloísa. A volumetria em um único grande bloco, com mais de 10 moradias agrupadas sob telhado único em duas águas, a planta retangular e a inexistência de ornamentos, são elementos que remetem à tipologia da senzala. Porém, a disposição interna dos cômodos de cada uma das habitações que a compõem, com sala, dois quartos, cozinha e banheiro aos fundos, além das paredes em alvenaria de tijolo, evidentemente mostram que pertenceram a um outro momento histórico.

Esses blocos da Vila Heloísa ainda se destacam como exemplares que carregam como elemento principal da fachada frontal, o estilo “porta e a janela”, uma influência que provém das casas açorianas e da Ilha da Madeira (WEIMER, 2005, 94) e foi muito usada no Brasil

no ambiente urbano, desde os tempos coloniais. Além disso, o formato simplificado de retângulo com a planta desenvolvida dentro dele, o telhado com telhas capa e canal, a pintura colorida nos elementos de madeira, são todas características que remontam, de acordo com Saia (1978, p. 107) às casas coloniais seiscentistas.

Certa permanência da arquitetura colonial se percebe, também, em todos os blocos da Vila João de Barro, pela utilização de elementos como: fachada frontal no estilo “porta e janela”, a planta em formato retangular, as telhas capa e canal e os elementos de madeira coloridos – a pintura azul nas esquadrias de todos os blocos.

Na Vila São João, localizada em Araras – SP, notam-se as mesmas características descritas na Vila João de Barro: a utilização da alvenaria aparente, a fachada frontal no estilo “porta e janela”, a planta desenvolvida a partir de formato retangular, e as esquadrias em madeira na cor azul. Ou seja, esses elementos arquitetônicos se repetiam além das instalações do bairro Monte Alegre, não sendo incomum em vilas operárias de usinas de outras localidades.

Além das influências construtivas brasileiras já descritas, pode-se ressaltar a importância dos italianos para a construção do bairro e sua possível influência. Isso porque o bairro recebeu inúmeros imigrantes para trabalhar na lavoura de cana, e que ajudaram Pedro Morganti a construir muito daquilo que ali existe. Para isso, todos materiais construtivos das edificações foram produzidos na própria olaria e carpintaria da usina, como tijolos, telhas e esquadrias.

Acredita-se que a alvenaria de tijolos, como cita CORREIA (2013, p. 116), tenha sido introduzida em São Paulo na década de 1850 pelos alemães. Porém, é importante mencionar que a partir dessa época, a influência da mão de obra italiana acentuou-se, principalmente, pelo crescente número de imigrantes, os quais construíram todo tipo de edificação na capital paulista, constituindo um partido arquitetônico específico.

Este partido difundido na cidade e que poderia ser chamado de “italiano”, utilizava sempre o tijolo nas alvenarias autoportantes dos edifícios e vulgarizava o vocabulário neoclássico na composição de fachadas repletas de ornatos, capitéis etc. Os frontispícios eram modelados e esculpidos pelas mãos dos frentistas italianos, profissionais especializados no corte e assentamento de tijolos (formando os relevos de platibandas, cornijas, consoles, etc.) e responsáveis pela fixação de toda a ornamentação externa (CORREIA, 2013, p. 116).

A partir disso, é possível dizer que o amplo uso da alvenaria de tijolos na construção do bairro Monte Alegre pode significar a influência desse estilo de construir que o imigrante italiano difundiu na capital e carregava consigo.

A alvenaria aparente, muito presente nos edifícios do bairro, foi a técnica utilizada em todos os quatros blocos da Vila João de Barro. Já na Vila Heloísa, os edifícios de serviços como os escritórios – na parte posterior -, o armazém e a carpintaria também foram construídos seguindo esse padrão. A alvenaria em sua forma aparente provém de uma tradição inglesa, iniciada no processo de reconstrução de Londres, logo após o grande incêndio que a destruiu no século XVIII. Seu uso nas habitações operárias e em edifícios industriais acabou por se generalizar pelo mundo.

A partir de toda essa análise é possível traçar as principais tendências arquitetônicas presentes no bairro do Monte Alegre. De um modo geral, as técnicas construtivas e disposição de ambientes e edifícios é resultado das circunstâncias em que a construção ocorreu quando Pedro Morganti geriu o bairro. Primeiramente, vale ressaltar que muito do que foi utilizado é consequência das tecnologias construtivas que aqui chegaram durante o auge da economia cafeeira. Além disso, os ideais de higiene trazidos da Europa que guiaram muitas das construções brasileiras do período, tiveram certa presença no bairro do bairro do Monte Alegre, em questões de ventilação e número de ambientes.

As características evidenciadas do bairro do Monte Alegre são recorrentes em outras vilas operárias do país e, principalmente, no interior paulista. Sendo que, a maior parte dos exemplares mostram influências tanto da tradição colonial nacional – muito presente, tanto em elementos estéticos como na disposição de cômodos – como do historicismo eclético – presente sempre em residências de pessoas mais importantes na Usina, assim como em edifícios de relevância dentro do bairro.

Já a influência italiana, como descrito, pode ter presença nos elementos construtivos relacionados a alvenaria, principalmente pelo fato de que as olarias eram, frequentemente, gerenciadas por italianos, os quais foram os responsáveis por difundir, ainda mais, o uso de tijolos nas construções paulistas. Apesar disso, é importante ressaltar, como já descrito, que a utilização de tijolos não foi uma total exclusividade italiana, dado que se acredita que os imigrantes alemães foram pioneiros na utilização dessa técnica construtiva em São Paulo.

Além disso, é importante destacar que a alvenaria, quando utilizada na sua forma aparente, tem origem na Inglaterra durante a Revolução Industrial, e que, a partir de então, se difundiu para outras partes do mundo, caracterizando a tipologia industrial.

Discussão

Assim, conclui-se que não é possível afirmar a influência da imigração italiana nas construções do bairro Monte Alegre. Embora estes tenham sido mão de obra da construção, o patrão Pedro Morganti ter a mesma nacionalidade, os costumes muito pautados pelo catolicismo, e, a utilização de tijolos nas construções, tais fatos não são suficientes para constatar a influência.

A contribuição dos imigrantes para a construção do bairro acabou por representar, na verdade, a *italianidade* que existia entre os moradores, ou seja, reforçar a união entre aqueles que faziam parte do Bairro Monte Alegre. O povo italiano saiu de um país recém unificado, que tinha diferentes dialetos e condições econômicas. Chegando ao Brasil, o que os unia era apenas a sua origem, e alguns hábitos e costumes em comum, sendo que dentro da casa, mais especialmente, era onde se tinha um segmento da afirmação da italianidade (TRUZZI, 2016, p.54). A predominância da nacionalidade ou descendência italiana nos moradores do bairro, portanto, contribuiu para que Morganti moldasse todo o estilo de vida “montealegrino”.

Conclusões

Após a morte de Pedro Morganti, todo o patrimônio da usina foi passado para seus filhos, os quais mantiveram os padrões estabelecidos pelo pai, sendo desativada por outro proprietário em 1981. Com o encerramento das atividades, várias famílias tiveram de sair do bairro, deixando diversas edificações abandonadas, principalmente os exemplares das Vilas Heloísa e João de Barro. No ano de 2015, com a aprovação do CODEPAC da solicitação de restauro para receber o evento “Village Art Decor”, os blocos 01 – com exceção dos escritórios - e 02 da Vila Heloísa foram revitalizados. O bloco 03 ainda se encontra em estágio avançado de degradação, restando pouco da parte interna das residências e nada do telhado; a parte frontal ainda permite uma leitura do conjunto da vila, embora bem prejudicada. Não muito diferente, a Vila João de Barro também se encontra em estágio avançado de deterioração, correndo risco de desabamento. Como os blocos são implantados recuados em relação à rua, fica mais difícil uma leitura da integralidade da vila, dado que as árvores, tapumes e grades que os separam da rua acabam interferindo na sua conexão com o restante do bairro que ainda se mantém vivo.

Outros edifícios como a Capela de São Pedro, o ambulatório médico – que hoje funciona como um café -, a escola – que manteve a função até a década de 1990 e hoje é usada como um salão para eventos -, estão bem preservados e até mesmo já passaram por algumas obras de restauro. Atualmente, as colônias do bairro, o antigo Grupo Escolar Marquês de Monte Alegre e a Capela de São Pedro são tombados pelo CODEPAC como patrimônios históricos e culturais do município de Piracicaba.

Pode-se dizer que o bairro ainda carrega muito da sua história e se destaca na cidade por dar aos seus moradores uma vida pacata e tranquila. Nos últimos cinco anos, a partir dessas pontuais iniciativas de restauro, o bairro vem sendo mais frequentado pela população da cidade de Piracicaba. Porém, como já destacado, grande parte do que restou do núcleo operário em sua conformação original não está conservado. Dessa forma, o registro e estudo de suas edificações é uma forma de perpetuar o importante símbolo arquitetônico e urbanístico da agroindústria paulista que existiu ali, além de relembrar uma história representativa para as famílias de moradores e ex-moradores, para a cidade de Piracicaba e para a trajetória dos imigrantes italianos e da agroindústria no Brasil.

Referências Bibliográficas

CACHIONI, Marcelo. *Londres, Lisboa e São Paulo: Vigilância, Ordem, Disciplina e Higiene nos espaços de sobrevivência operária*. 2013. 582 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAMPAGNOL, Gabriela. *Usinas de Açúcar: habitação e patrimônio industrial*. 2008. 503 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

CAPORRINO, Amanda Walter. *Na Era das Usinas: a Usina Monte Alegre e o desenvolvimento da agroindústria canavieira em São Paulo (1930-1964)*. 2016. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORREIA, Clara d'Alambert. Tijolo em São Paulo: modos de fabrico e aplicação nas construções. In: LIRA, José; LOPES, José Marcos. *Estudos CPC 3: Memória, Trabalho e Arquitetura*. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 111-118.

CORREIA, Telma de Barros. *Pedra: plano e cotidiano operário no sertão*. Campinas: Papirus, 1998.

HENDERSON, W. O. *Revolução Industrial*. São Paulo: Verbo/EDUSP, 1979.

INSTITUTO DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO DE PIRACICABA - IPPLAP. *Cadus 3 – Zonas de Zeladoria do Patrimônio Cultural*. 1. ed. Piracicaba, 2013. 108 p.

LEMONS. Carlos A. C. *A República Ensina a Morar*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAIA, Luís. *Morada Paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

TRUZZI, Oswaldo. *Italianidade no interior paulista: Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2016.

WEIMER, Gunter. *Arquitetura Popular Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.